

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA

Adolescentes: Quem são eles?

Carla Ivo de Araujo Figueiredo

Rio de janeiro - 2004

## Adolescentes: Quem são eles?

Carla Ivo de Araujo Figueiredo

Monografia desenvolvida na  
Universidade –UNIRIO, como  
exigência para conclusão do Curso de  
Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Lúcia de Mello Souza Lehmann

Rio de Janeiro – 2004.

## ADOLESCENTE

ADOLESCENTE é adrenalina que agita a juventude,  
Tumultua os pais e os que lidam com ele.

ADRENALINA que dá taquicardia nos pais,  
depressão nas mães,  
raiva nos irmãos,  
que provoca fidelidade nos amigos,  
desperta paixão no sexo oposto,  
cansa os professores,  
curte um barulhento som,  
experimenta novidades,  
revolta os vizinhos ...

ADOLESCENTE é um Deus com frágeis pés,  
um apaixonado que não "segura" uma gravidez,  
um atleta que busca o colo dos pais,  
um ousado no volante que acaba com o carro,  
um temerário que morre porque desconsidera o perigo,  
um herói sexual reprimido pela timidez,  
um conquistador que sofre "um branco" na hora H,  
alegria de sorrizar em copo de água,  
escuridão da casa em que foi cortada a luz ...

DIFÍCIL é lidar com ele, porque  
ele não se entende com o próprio corpo e ainda é  
ridicularizado pelos seus próprios colegas,  
ele quer resolver os problemas do mundo, mas se atrapalha  
com simples questões de matemática,  
ele prefere a certeza de não estudar a arriscar  
sua inteligência numa prova escolar,  
ele nem bem se mete a arrumar o seu quarto,  
mas lava e lustra o carro como um joalheiro,  
ele se indispõe contra os outros em defesa de seus pais, que  
ele mesmo maltrata,  
ele fuma maconha empunhando a bandeira da ecologia e  
do menos mal,  
ele é rebelde sociável e seguramente instável,  
ele ri com lágrimas, enquanto chora com gargalhadas,  
ele brinca de brigar e briga para amar,  
ele vive sonhos e projetos de um vir a ser porque  
o adolescentes é  
pequeno demais para grandes coisas,  
e grande demais para pequenas coisas.

Autor desconhecido.

## DEDICATÓRIA

Dentro do universo que há em mim, muito há daqueles que me propiciaram este dia: OBRIGADA a Deus, a meus pais, familiares e amigos.

## EPÍGRAFE

É necessário dar a vida a  
nossos filhos. Por isso não há  
senão um meio: fazê-los viver,  
não a vida artificial e regrada  
de hoje, mas a vida deles.  
Célestin Freinet.

## RESUMO

Trabalhando com adolescentes podemos perceber como é complicado lidar com eles. Estão passando por várias mudanças. Descobrimo um mundo novo. E vivendo vários conflitos.

A adolescência mudou. Os jovens entram na puberdade cada vez mais cedo e se tornam adultos cada vez mais tarde. A sociedade moderna gostaria que eles logo alcançassem o amadurecimento. Mas isso não é tão simples assim...

Este trabalho monográfico tem como objetivo ajudar os pais, professores e demais interessados a buscar respostas para perguntas que são freqüentemente feitas como: Quem são eles? O que pensam? O que fazem? Por isso falaremos da definição de adolescência, de como são quantitativamente no Brasil, do seu desenvolvimento bio-psico-social e na busca de si mesmo.

## SUMÁRIO

Introdução .....	01
I capítulo: O que é adolescência? .....	03
II capítulo: O adolescente na busca de si mesmo .....	10
III capítulo: Desenvolvimento cognitivo na adolescência .....	27
Conclusão .....	30

## INTRODUÇÃO

Quando se trabalha com adolescentes, percebe-se a importância dos limites em suas vidas, sobretudo, no equilíbrio da utilização destes limites. Achar este equilíbrio é a questão fundamental, pois exige, por parte dos pais e responsáveis, um conhecimento profundo do comportamento adolescente.

O estudo do comportamento e atitudes do adolescente e a pesquisa do assunto, na intenção de aprofundar conhecimentos, é o que falta, não só num universo micro da interrelação, mas no macro universo das relações família e sociedade. Os problemas gerados pela ignorância sobre o assunto ou a inobservância do <sup>ver</sup> básico, geram os conflitos que alimentam os noticiários que, na visão da mídia, traduzem os desmandos dos profissionais interessados e da própria família, na dinâmica do convívio cotidiano que, ao contrário do que está estabelecido, deveria prevenir e não gerar conflitos.

Na tentativa de estabelecer linhas de ação que apontem soluções, faz-se necessário levantar as origens dos conflitos, tipificá-los e, em concomitância, aplicar medidas sanadoras que debelem as causas ou, de imediato, mostrem um caminho mais curto e mais sólido, visando prevenir ou debelar problemas inerentes.

A importância de um estudo acurado, <sup>sobre o tema</sup> além de bem vindo, é urgente, pois deve apontar soluções, conforme se vê, para fatos geradores já detectados e sobejamente conhecidos, assim como basear novas nomenclaturas – fatos e relatos – cujos registros facilitem novas e eficientes investidas na direção do êxito nas relações – quaisquer – com a adolescência e, certamente, com o adolescente.

A raiz de todo e qualquer desencadeador de conflitos, deve estabelecer linhas de ação que, psicopedagogicamente falando, apontem para uma diretriz de ação

saneadora e sanadora de uma reação que, em resposta, não permita rota de colisão, mas de solução, prevenção ou anulação de qualquer ação fora de controle.

O trato com a adolescência exige um referencial e marco teórico, que aponte para o aprofundamento de uma relação que requer ousadia, para além do enfrentamento, mais alto e promissora do que qualquer relação de amizade, porque requer conhecimento, ação e respeito.

Buscando estudar como são os adolescentes procuramos neste trabalho conceituar adolescência, discorrer sobre esta fase de vida tão discutida nos dias atuais.

Sendo assim no <sup>primeiro</sup> 1º capítulo falaremos sobre o que se considera e como é definida e entendida a adolescência.

No 2º capítulo consideraremos o adolescente na busca de si mesmo, na busca do eu. O adolescente se perguntará: Quem sou eu?

E finalmente no 3º capítulo trataremos do desenvolvimento cognitivo, do pensamento formal, da aprendizagem do adolescente.

## CAPÍTULO 1- O QUE É ADOLESCÊNCIA?

A temática adolescência permeia o pensamento de vários autores, culminando em visões e enfoques exploratórios, cuja produção aponta para múltiplas dimensões (biológicas, psicológicas, familiares, sociais etc.), delimitando o alcance e a profundidade do estudo da adolescência e propondo atitudes inovadoras sobre o mesmo universo.

<sup>As</sup> Quero falar sobre a adolescência cabe então perguntar: O que é adolescência? Quem são os adolescentes? O que pensam? O que fazem?

No dicionário Aurélio, encontrei <sup>anos?</sup> os seguintes significados:

*"adolescência. [Do lat. Adolescentia] S.f. 1- O período da vida humana que sucede à infância, começa com a puberdade, e se caracteriza por uma série de mudanças corporais e psicológicas (estende-se aproximadamente dos 12 aos 20 anos)".*

*"Adolescente. [Do lat. Adolescente.] Adj. 2 g 1- Que está na adolescência. 2- Fig. Que está no começo, no início; que ainda não atingiu todo o vigor. 3- De pouco tempo; novo: 'Plantei, com a minha mão ingênua e mansa, / Uma linda amendoeira adolescente.' (Raul de Leoni, Luz Mediterrânea, p.65.) 4- Próprio do adolescente: 'D. Camila prolongou, quanto pôde, os vestidos adolescentes da filha.' (Machado de Assis, Histórias sem Data, p.122.) S. 2g. 5- Pessoa que está na adolescência."*

A adolescência é considerada um período de vida entre a infância e a vida adulta. No entanto poderíamos perguntar: qual é a duração da adolescência?

Diferentes autores e instituições se posicionam quanto a duração da adolescência. Em primeiro lugar referimos a adolescência como um período em que ocorre a puberdade e <sup>quando</sup> há <sup>que</sup> verificamos <sup>meninas</sup> com suas mudanças físicas e suas conseqüências psicológicas. Salvo os caracteres sexuais primários (pênis, nos meninos, vagina, nas meninas), os corpos infantis são fundamentalmente iguais. No

*obs sendo um período ..... e verificamos que há intensas mudanças*

fim do processo de mudanças que ocorrem na puberdade, os corpos masculinos e femininos se diferenciam enormemente, tanto no que se refere aos caracteres sexuais primários citados, quanto ao relacionado com os caracteres sexuais secundários (por exemplo, os pêlos faciais, a mudança de voz e o alargamento dos ombros nos meninos, o crescimento das mamas e o alargamento dos quadris nas meninas). O processo de transformação física é posto em marcha por uma série de mecanismos hormonais, que desencadeiam um longo processo de modificações que, como se verá a seguir, apresenta um padrão diferente em ambos os sexos.

Nos meninos, a primeira manifestação das mudanças é o começo do crescimento dos testículos, seguidos por um discreto aparecimento de pêlos púbicos não-pigmentados, o crescimento do pênis e uma primeira mudança de voz. Os pêlos logo começam a sombrear as axilas e a pele entre o lábio superior e a base do nariz. Mais adiante, produzem-se espermatozóides e podem ocorrer as primeiras emissões de sêmen, sejam induzidas (masturbação), sejam espontâneas (poluções noturnas). A seguir, os pêlos púbicos pigmentam-se e seu crescimento atinge a velocidade máxima. O processo prossegue com o crescimento do pênis e dos testículos, aumentando, depois, a produção de espermatozóides. Logo depois, crescem os pêlos das axilas e, um pouco depois, a voz se modifica mais acentuadamente, crescendo a barba. A partir de então, o crescimento se desacelera.

Nas meninas, os primeiros sinais são o arredondamento dos quadris e o primeiro crescimento das mamas, junto ao surgimento dos pêlos púbicos não-pigmentados. O útero, a vagina, os lábios e o clitóris aumentam, a seguir, de tamanho. Os pêlos púbicos passam a crescer mais depressa a ser pigmentados. A seguir, desenvolvem-se mamas, com pigmentação das aréolas e mamilos. Logo depois, inicia-se a pigmentação dos pêlos axilares. Depois, a velocidade de

crescimento dos pêlos atinge seu ponto máximo. A seguir, ocorre a menarca (primeira menstruação). Completa-se o crescimento dos pêlos púbicos, as mamas adquirem sua conformação adulta e os pêlos axilares completam seu crescimento, com desaceleração de sua velocidade.

Não se pode afirmar exatamente as idades em que ocorrem essas mudanças. Em média os meninos começam pelos 12-13 anos e terminam pelos 16-18 anos. Nas meninas, começam, em média, pelos 10-11 anos e terminam pelos 14-16 anos. Portanto, as meninas estão mais adiantadas no processo. As idades indicadas são as médias, mas elas variam bastante, iniciando-se o processo, em alguns meninos, aos dez anos e terminando, em outros, aos vinte, e começando, em algumas meninas, aos nove, prolongando-se, em outras, até os dezoito. Portanto, havendo uma grande heterogeneidade interindividual no momento em que ocorrem as mudanças, existe, no entanto, uma grande semelhança na seqüência com que acontecem, que é aquela descrita acima. Assim, independentemente da idade em que são postas em marcha ou concluídas as mudanças, o processo de crescimento físico que ocorre na puberdade apresenta o mesmo perfil, nos diferentes indivíduos. ✓

Como dito anteriormente, tanto os meninos e meninas que amadurecem precocemente, como os lentos e os que se aproximam da média, são perfeitamente normais, do ponto de vista do processo do crescimento. Mas, naturalmente, a análise evolutiva que a nós interessa não pára no plano estritamente maturativo, devendo nos indagar, a seguir, sobre o impacto psicológico que o amadurecimento precoce ou tardio pode ocasionar.

Para compreender o impacto que a maturação precoce ou tardia pode ter sobre os meninos e meninas, é preciso destacar o fato de que, provavelmente, a etapa da adolescência é uma das etapas da vida em que mais atento se está ao

próprio corpo, a<sup>1</sup> suas características e desenvolvimento, as suas semelhanças e diferenças em relação ao corpo dos outros.

Parece que os efeitos da maturação precoce ou tardia tendem a ser diferentes, nos meninos e nas meninas. No caso dos meninos, a maturação precoce é freqüentemente bem recebida por aquele a quem afeta, pois o distingue dos demais por sua força, capacidade atlética e superioridade física, aspectos valorizados pelos adolescentes varões. O menino que amadurece mais tarde do que a média pode se sentir mais inseguro, mais inadequado. Para uns e para outros surgem efeitos na área da socialização, que podem ser de alguma importância: talvez o adolescente que tiver amadurecido precocemente se veja pressionado a comportar-se de acordo com critérios mais relacionados com sua maturidade física do que com sua maturidade psicológica, o que pode significar, para a criança, tensão e sentimentos de incompetência. No caso do menino que amadurece lentamente, pode ocorrer o contrário: espera-se dele um comportamento mais infantil do que aquele que é realmente capaz de produzir, de acordo com sua maturidade psicológica, o que pode provocar tensões com os adultos..

No caso das meninas, a maturação precoce não parece ser tão bem-vinda por aquela que a padece, que inclusive pode tentar ocultar seus sinais externos mais visíveis, tendo medo de chamar demais a atenção, a crescer demais ou engordar além da conta. Em consequência de seu aspecto físico, as meninas que amadurecem precocemente podem ser pressionadas pelos meninos maiores a estabelecer um tipo de relações para o qual ainda não estão preparadas. A menina que amadurece tardiamente talvez tenha, nesse sentido, menos problemas, pois, dada a diferença de idade em que ocorre a maturação das meninas e dos meninos,

a favor das primeiras, a menina que amadurece mais tarde fá-lo na mesma média / ?  
de idade dos meninos.

O importante não parece ser tanto o momento no qual se produz a maturação, como a constelação de variáveis na qual o momento da maturação se insere. Para apresentar dois exemplos simples, não é o mesmo uma maturação física precoce em um menino ou em uma menina com um desenvolvimento cognitivo e social ainda infantis, do que em um menino ou menina com um desenvolvimento mais adiantado nesses aspectos; não é o mesmo enfrentar as incertezas das mudanças físicas com um sentimento básico de confiança em si mesmo e em um entorno social significativo, do que com sentimentos negativos a respeito de si mesmo ou dos pais, irmãos e amigos.

Segundo a Organização Mundial da Saúde ( OMS ), a adolescência é um período da vida, que começa aos 10 e vai até os 19 anos, e segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente ( ECA - 1990 ) começa aos 12 e vai até os 18 anos, onde acontecem diversas mudanças físicas, psicológicas e comportamentais.

Os estudos sobre a adolescência começaram mais efetivamente a partir da década de 1960. Hall foi considerado um dos precursores destes estudos. Naturalmente que os jovens sempre existiram, mas o que hoje chamamos adolescência é uma construção bio-psico-social.

Caracteriza-se a adolescência fundamentalmente por ser um período de transição entre a puberdade e o estado adulto do desenvolvimento e que nas diferentes sociedades este período pode variar, como varia o reconhecimento da condição adulta que se dá ao indivíduo. O problema da adolescência deve ser tomado como um processo universal de troca, de desprendimento, mas que será

influenciado por conotações externas peculiares de cada cultura, que o favorecerão ou dificultarão, segundo as circunstâncias.

De um modo geral os estudos sobre Adolescência na América Latina e no Brasil, concentram-se sobre temas como sexualidade, gravidez precoce, uso de drogas e violência. Mas muitas são as possibilidades de pensar esta fase de vida tão controversa.

Para alguns a adolescência constitui-se numa fase de vida maravilhosa ou como ainda muitos insistem em chamar "aborrescência". Os próprios adolescentes tem suas questões e incertezas.

*" Ainda bem que eu encontrei meu espaço, ou melhor, lutei por ele, espaço esse em que posso participar. Geralmente nunca nos deixam participar e com isso aquela vontade natural de mudar o mundo é esquecida, ou melhor, dá lugar à um conformismo ou será inconformismo? E aí aquela ânsia de transformar muitas vezes é trocada pela única forma de deixar a nossa marca ( depredando orelhões, pichando, armando confusões e etc.) no mundo. Não podemos decidir sobre nossa vida, mas a vida acaba decidindo pela gente: Quando será a primeira vez? Já rolô! Usar camisinha? Não sei! Ih, não tenho agora! Conversar ou não com os pais? Ah eles não me entendem e nem vão me escutar mesmo. Participando a gente pode mudar isso, acredito em mim e em todos os adolescentes que tem essa vontade de mudar e criar um mundo melhor, com a nossa cara." ( Escrito por uma aluna de 15 anos da 8ª série )*

O perfil da população adolescente nos mostra que no mundo todo, hoje se estima que haja 1 bilhão de pessoas vivendo a adolescência, ou seja, quase 20% da população mundial. No Brasil, são cerca de 34 milhões de adolescentes, 21,84% da população total do país, segundo estatísticas do IBGE de 2003. Como são no Brasil?

- 1,1 milhão de analfabetos
- 76,5% desses analfabetos se encontram no nordeste
- 2,7 milhões de 07 a 14 anos estão fora da escola ( 10% da faixa etária ).
- 4,6 milhões de 10 a 17 anos estudam e trabalham
- 2,7 milhões de 10 a 17 anos só trabalham
- Desses dois grupos, 3,5 milhões trabalham mais de 40h semanais.

Esta realidade faz com que exista atualmente cada vez mais uma preocupação com as condições físicas e psicológicas, destes jovens e com a situação no qual estão inseridos

Há dez anos atrás aconteceram muitos encontros internacionais que discutiram sobre os Direitos Humanos. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente ( ECA) entrou para a história política e social do país, como exemplo de construção cidadã transformando o adolescente em uma pessoa que tem direitos. O ECA abriu as portas de um caminho rumo à cidadania da infância e da adolescência. Antes do ECA, existia uma lei no Brasil que se chamava Código de Menores; essa lei só falava sobre os adolescentes e crianças infratores, e considerava esses jovens como "problema". O ECA, ao contrário do Código de Menores, preocupa-se com a proteção integral das crianças e dos adolescentes até 18 anos e, em alguns casos , com jovens até 21 anos, dando as condições de exigibilidade, ou seja, o poder de exigir através das leis. Garantir os direitos escritos no ECA tornou-se dever da família, do Estado e da sociedade.

## **CAPÍTULO 2 – O ADOLESCENTE NA BUSCA DE SI MESMO**

Para Mauricio Knobel (1981), quando se estabelecem critérios diferenciais de caráter social, sócio-cultural, econômico, etc. como predominantes no estudo da adolescência, se está desviando, pelo menos em parte, o problema básico fundamental da circunstância evolutiva. Devemos considerar a adolescência como um fenômeno específico dentro de toda a história do desenvolvimento do ser humano.

Não há dúvidas de que o elemento sócio-cultural influi com um determinismo específico nas manifestações da adolescência, mas também temos que considerar que atrás dessa expressão sócio-cultural existe um embasamento psicobiológico que lhe dá características universais.

Knobel afirma que é muito difícil assinalar o limite entre o normal e o patológico na adolescência, e considera que, na realidade, toda a comoção deste período da vida deve ser considerada como normal, assinalando também que seria anormal a presença de um equilíbrio durante o processo adolescente.

Para Knobel e Aberastury (1981) a adolescência apresenta um conjunto dinâmico de características, que por vezes beiram a desequilíbrios ou a patologias. No entanto esta dinâmica, tão instável, é considerada por eles como algo absolutamente normal.

Knobel e Aberastury consideram algumas características como fundamentais na adolescência e chamam este conjunto de "Síndrome". São elas: 1- busca de si mesmo e da identidade; 2- tendência grupal; 3- necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4- crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5- deslocalização temporal, onde o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6- evolução sexual manifesta, que vai do auto-erotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7- atitude social

reivindicatória com tendência anti ou associas de diversa intensidade; 8-<sup>m</sup> contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9- uma separação progressiva dos pais; e 10- constantes flutuações do humor e do estado de ânimo.

### Busca de si mesmo e da identidade

O período infantil e o da adolescência não devem ser vistos, apenas como uma preparação para a maturidade. É lógico aceitar que o caminho da adolescência é entrar no mundo do adulto, mas temos que reconhecer que a identidade é uma característica de cada momento evolutivo e tentar observar quais são as características fundamentais que aparecem neste período de vida.

A criança entra na adolescência com dificuldades, conflitos e incertezas que se magnificam neste momento vital, para sair em seguida à maturidade estabilizada com determinado caráter e personalidade adultos.

Knobel diz que para Nixon, a autocognição é um fenômeno essencialmente biológico e se relaciona com o conceito de si mesmo ( self), ou seja, o símbolo que cada um possui de seu próprio organismo. Na realidade, isto se produz, em todas as etapas do desenvolvimento e adquire características especiais na adolescência. A idéia do si mesmo ou do self implica algo muito mais amplo em todas as etapas do desenvolvimento. É o conhecimento da individualidade biológica e social, do ser psicofísico em seu mundo circundante, que tem características especiais em cada idade evolutiva. A conseqüência final da adolescência seria um conhecimento do si mesmo como entidade biológica no mundo, o todo biopsicossocial de cada ser nesse momento da vida.

Knobel ( ) quando se refere a Nixon ( )  
 algo que ...

↓  
 obs

A conquista de um autoconceito é o que também chama-se de o ego, desde um ponto de vista psicológico não psicanalítico, assinalando que este autoconceito vai se desenvolvendo à medida que o sujeito vai mudando e vai se integrando com as concepções que muitas pessoas, grupos e instituições têm a respeito dele mesmo, e vai assimilando todos os valores que constituem o ambiente social. Concomitantemente, vai se formando este sentimento de identidade, como uma verdadeira experiência de autoconhecimento.

Knobel diz que para Sorenson, a identidade é a criação de um sentimento interno da semelhança e continuidade, uma unidade da personalidade sentida pelo indivíduo e reconhecida por outro, que é o "saber quem sou".

*"A busca por uma identidade é uma das mais importantes metas que os adolescentes têm de alcançar. Nesse estágio, parece que o passeio na montanha russa fica enlouquecido, e todo dia o filho muda o visual. Por vezes, você não fará a mínima idéia de como ele vai aparecer para o almoço ou jantar, e a expectativa pode ser descomunal! ... Pode contar também que a música, linguagem, bijuteria e tudo que for visível e audível vai mudar de novo, e outras tantas vezes. Esses serão aqueles dias em que, quando julgar já ter visto e ouvido tudo que havia para ser visto e ouvido, o adolescente, uma vez mais, irá surpreendê-lo".*  
(Michael Carr – Gregg 2003)

Nesta busca de identidade, o adolescente recorre às situações que se apresentam como mais favoráveis no momento. Uma delas é a da uniformidade, que proporciona segurança e estima pessoal. Ocorre aqui o processo de dupla identificação em massa, onde todos se identificam com cada um, e que explica, pelo menos em parte, o processo grupal do qual participa o adolescente.

Obs - Para Sorenson ( )  
segundo Knobel ( )  
a identidade ...

Outra solução seria a de assumir "uma identidade negativa". É preferível ser alguém perverso, indesejável, a não ser nada. Isto constitui uma das bases do problema das turmas de delinquentes, dos grupos de homossexuais, dos adeptos às drogas, etc. A realidade costuma ser mesquinha ao proporcionar figuras com as quais pode-se fazer identificações positivas e então, na necessidade de ter uma identidade, recorre-se a esse tipo de identificação, anômala, mas concreta.

Na adolescência, o indivíduo dá um novo passo para se estruturar na preparação para a vida adulta. Dentro do *continuum* de sua identidade, os elementos biológicos introduzem uma modificação irreversível. Já não terá novamente o corpo infantil. E por isto, é nesta fase que o mais importante para os adolescentes são os amigos. E a pergunta que fazem é "Quem sou eu?".

*"Essa meta tem início na pré-adolescência e perdura até a pós adolescência.*

*A formação de uma identidade equilibrada e positiva é provavelmente o objetivo primordial da adolescência. Alcançar a consciência positiva de si mesmo tem efeito sobre a capacidade de formar relacionamentos e transpor com sucesso as outras metas. Em outras palavras, os jovens têm de descobrir quem são. Não é tarefa fácil. Envolve levantar enormes questões e tomar decisões sobre posicionamentos, valores, crenças e princípios éticos. Basicamente, implica chegar a um ponto de autoconhecimento e auto-aceitação.*

*Esmiuçar o próprio interior pode tornar-se fatigante e mesmo assustador, se o jovem não estiver seguro de que é aceito pelos outros. Os adolescentes que não têm amor-próprio e acham que ninguém os aceita, têm menos condições de formar uma identidade positiva".*

*(Michael Carr-Gregg 2003)*

### **Tendência grupal**

Na sua busca da identidade adolescente, o indivíduo, nessa etapa da vida, recorre como comportamento defensivo à busca de uniformidade, que pode

proporcionar segurança e estima pessoal. Aí, surge o espírito de grupo pelo qual o adolescente mostra-se tão inclinado. Há um processo de superidentificação em massa, onde todos se identificam com cada um. Às vezes, o processo é tão intenso que a separação do grupo parece quase impossível e o indivíduo pertence mais ao grupo de coetâneos do que ao grupo familiar. Não se pode separar da turma nem de seus caprichos ou modas. Por isso, inclina-se às regras do grupo, em relação a modas, vestimenta, costumes, preferências de todos os tipos, etc.

*“Alguns adolescentes não acham uma identidade de uma hora para outra. Para descobrirem quem são, experimentam uma seqüência de máscaras até encontrarem a que serve. Muitos escolhem participar de “grupos” ou “tribos” para terem algo com que se identificar, para pertencerem. Existe a turma dos góticos, os adeptos do rap, os punks e os que freqüentam as raves, todos com um código de regras e condutas, música, roupas e mitos próprios. São alucinantes, os equivalentes atuais dos roqueiros e outras tribos de “antigamente”. Brincar de identidades variadas é completamente normal”.*

*( Michael Carr-Gregg 2003)*

Em outro nível, as atuações do grupo e dos seus integrantes representam a oposição às figuras parentais e uma maneira ativa de determinar uma identidade diferente daquela meio familiar. No grupo, o indivíduo adolescente encontra um reforço muito necessário para os aspectos mutáveis do ego que se produzem neste período da vida.

O grupo constitui assim a transição necessária no mundo externo para alcançar a individualização adulta. O grupo resulta útil para as dissociações, projeções e identificações que seguem ocorrendo no indivíduo, mas com características que diferem das infantis. Entretanto, sua própria personalidade costuma ficar de fora de

todo o processo que está acontecendo, especialmente nas esferas do pensamento, e o indivíduo sente-se totalmente irresponsável pelo que acontece ao seu redor. Pareceria que o adolescente não tivesse nada a ver com o que faz, o que pode explicar atitudes que aparentemente implicam uma grande dependência dos adultos, mas que se contradizem imediatamente com demandas e pedidos de ajuda que revelam a extrema dependência que na realidade têm.

### **Necessidade de intelectualizar e fantasiar**

A necessidade de intelectualizar e fantasiar acontece como uma das formas típicas do pensamento do adolescente.

A incessante flutuação da identidade adolescente, que se projeta como identidade adulta num futuro bem próximo, adquire caracteres que costumam ser angustiantes e que obrigam a um refúgio interior que é muito característico. É ali onde, o mundo infantil desempenha um papel predominante que é absolutamente fundamental levar em consideração para compreender como o adolescente, frente a todos estes choques do seu mundo interno mutável e do seu mundo externo indominável e frustrante, pode sair airoso.

Tal fuga no mundo interior permite, segundo Arminda Aberastury (1981), uma espécie de reajuste emocional, que leva à preocupação por princípios éticos, filosóficos, sociais, que muitas vezes implicam formular-se um plano de vida muito diferente do que se tinha até esse momento e que também permite a teorização acerca de grandes reformas que podem acontecer no mundo exterior. Este mundo exterior vai se diferenciando cada vez mais do mundo interno e, portanto, serve também para defender-se das mudanças incontroláveis deste último e do próprio corpo. Surgem então, as grandes teorias filosóficas, os movimentos políticos, as

idéias de salvar a humanidade etc. É também aí que o adolescente começa a escrever versos, novelas, contos e dedica-se a atividades literárias, artísticas, etc, que acontecem muito habitualmente <sup>com a</sup> na grande maioria dos adolescentes.

*“... personalidade implica numa espécie de descentralização do eu que se integra em um programa de cooperação e se subordina a disciplinas autônomas e livremente construídas, acontece que todo desequilíbrio a centralizará de novo sobre ela própria, de tal modo que entre os pólos da pessoa e do eu, as oscilações serão possíveis em todos os níveis. Daí, em especial o egocentrismo da adolescência, do qual vimos o aspecto intelectual e cujo aspecto afetivo, é ainda mais conhecido”.*

*( Jean Piaget , 1991)*

### **Crises religiosas**

Quanto à religiosidade, observa-se que o adolescente pode se manifestar como um ateu exacerbado ou como um místico muito fervoroso, como situações extremas. Logicamente, entre elas há uma grande variedade de posicionamentos religiosos e mudanças muito freqüentes. É comum observar que um mesmo adolescente passa, inclusive, por períodos místicos ou por períodos de um ateísmo absoluto.

Charlotte Buhler citada por Knobel (1981) afirma que o adolescente “ quer duvidar, cavar, quer procurar, não decidir-se ...”, “ e quando entra nesta idade difícil, pergunta-se quem é, o que é, para depois tentar uma resposta mais ou menos adequada a esta pergunta, interrogar-se a respeito do que fazer com ele, como o que ele supõe que é”. (p. )

Como muito bem afirma González Monclús ( apud Knobel, 1981): “ Entre ambos os extremos, misticismo exacerbado, ateísmo racionalista, é talvez oportuno

assinalar entre os adolescentes uma freqüente posição: a do entusiasmo formal em contraposição com uma indiferença frente aos valores religiosos essenciais". ( γ . )

O misticismo, que pode chegar a alcançar níveis delirantes, e o materialismo com características niilistas são atitudes extremas de uma forma de deslocamento ao intelectual religioso. Mudanças concretas e reais ocorrem a nível corporal e no plano da atuação familiar-social, frente aos quais a impotência do adolescente é sentida por este como absoluta.

O adolescente, graças à sua personalidade em formação, coloca-se em igualdade com seus pais velhos, mas sentindo-se outro, diferente deles, pela vida nova que o agita. E, então, quer ultrapassá-los e espantá-los, transformando o mundo. É este o motivo pelo qual os sistemas ou planos de vida dos adolescentes são, ao mesmo tempo, cheios de sentimentos generosos, de projetos altruístas ou de fervor místico e de inquietante megalomania e egocentrismo consciente.

A síntese destes projetos de cooperação social e da valorização do eu, que marca os desequilíbrios da personalidade em formação, é muitas vezes encontrada sob a forma de uma espécie de messianismo. O adolescente atribui-se, com toda modéstia, um papel essencial na salvação da Humanidade, organizando seu plano de vida em função de tal idéia. A esse respeito, é interessante observar as transformações do sentimento religioso durante a adolescência. A criança atribui espontaneamente a seus pais as diversas perfeições da divindade, tais como a onipotência, a onisciência e a perfeição moral. É descobrindo, pouco a pouco, as imperfeições reais do adulto que a criança sublima seus sentimentos filiais, transferindo-os para os seres sobrenaturais que lhe apresenta a educação religiosa. O sentimento religioso do adolescente, porém, embora habitualmente intenso ( e negativo às vezes também ) colore-se de perto ou de longe da preocupação

messiânica em questão. O adolescente faz como um pacto com seu Deus e se engaja para servi-lo sem recompensa, mas contando desempenhar, por isto mesmo, um papel decisivo na causa que se propõe defender.

*“Os jovens que têm uma crença, uma vida espiritual, são os menos propensos a sair da linha. Pesquisas comprovam que os jovens que cultivam a espiritualidade conseguem lidar melhor com situações de estresse. Por terem uma sensação de conexão com algo que transcende, sentem-se protegidos porque encontram, na espiritualidade, o significado para dificuldades da vida e o necessário conforto quando ocorrem eventos trágicos”.*

*( Michael Carr-Gregg, 2003 )*

### **A deslocalização temporal**

O pensamento do adolescentes tanto frente ao temporal como ao espacial adquire características muito especiais.

Do ponto de vista da conduta observável, é possível dizer que o adolescente vive com uma certa deslocalização temporal; converte o tempo em presente e ativo, numa tentativa de manejá-lo. Enquanto a sua expressão de conduta o adolescente pareceria viver e processo primário com respeito ao temporal. As urgências são enormes e, às vezes, as postergações são aparentemente irracionais.

Como exemplo um<sup>o</sup> observação de conduta que desconcerta um adulto. O pai que recrimina o seu filho para que estude porque tem um exame imediato fica desconcertado frente à resposta do adolescente: “ Eu tenho tempo! O exame é só amanhã!”. É o caso, igualmente desconcertante para os adultos, da jovem adolescente que chora angustiada frente a seu pai, queixando-se da atitude desconsiderada da mãe que não contempla as suas necessidades imediatas de ter esse vestido novo para seu próximo baile. Nessas circunstâncias o pai tenta

solidarizar-se com a urgência de sua filha e compreende a necessidade do vestido novo para essa reunião social tão importante para ela; quando interroga a mãe a respeito do porquê da sua negativa, fica surpreso com a resposta de que esse baile vai se realizar dentro de... três meses.

Daí que considere que a busca da identidade adulta do adolescente esteja estreitamente vinculada com a sua capacidade de conceituar o tempo. Esta é uma das razões pela qual os adolescentes dão início a sua vida sexual cada vez mais cedo.

### **A evolução sexual na vida do adolescente**

Na evolução do auto-erotismo à heterossexualidade que se observa no adolescente, pode-se descrever um oscilar permanente entre a atividade de caráter masturbatórios e os *começos* do exercício genital, que tem características especiais nesta fase do desenvolvimento, onde há mais um contato genital de caráter exploratório e preparatório do que a verdadeira genitalidade procriativa que só acontece com a correspondente capacidade de assumir o papel paternal no início da vida adulta.

É normal e bastante comum que os adolescentes passem por um período em que questionam a sua sexualidade. Também não é raro que tenham experiências com pessoas do mesmo sexo. Pode ser um singelo beijo ou ir além disso. Experiências com outros do mesmo sexo não significam, obrigatoriamente, que o jovem vai assumir identidade homossexual. Muitos passam por períodos de incerteza, durante os quais ocorrem essas experiências.

Para muitos jovens, é uma fase traumática, repleta de sentimentos de culpa em razão do estigma social ligado à homossexualidade. Muitos sofrem com pesadelos e

acreditam que, se saírem à caça desenfreada por um parceiro do sexo oposto, a atração que sentem por aqueles do mesmo sexo vai desaparecer. Alguns jovens se envolvem em inúmeros relacionamentos heterossexuais apenas para provar que são "normais". Lembre-se de que o desejo de ser normal é uma das grandes preocupações da adolescência.

Os jovens são por natureza curiosos e hoje em dia estão muito mais ligados em sexo do que os de cinco ou dez anos atrás. Assistem a filmes e programas de televisão. Navegam na Internet e lêem revistas. Tudo quase sempre contém material sobre sexo explícito. Se os pais e educadores assistissem aos programas mais populares entre os adolescentes ficariam chocados. Esses programas mostram adolescentes namorando "sério", jogando cara ou coroa para saber com quem vão sair num episódio e se vão ou não fazer sexo no episódio seguinte. A ambientação é muito romântica e levanta questões como: "É isso o que vocês deveriam estar fazendo. Todos os outros da sua idade estão fazendo! Se não está acontecendo, o que há de errado com você?" Além de toda a pressão para ter um relacionamento amoroso, os jovens são obrigados a questionar a própria sexualidade cada vez mais cedo.

Quando não conseguem atender às exigências da turma no que diz respeito a encontrar uma namorada ou namorado, os jovens são estigmatizados e chamados de "boboca" ou outros termos mais pejorativos. É uma fase muito estressante, uma época em que a compreensão e sensibilidade por parte dos pais e educadores podem ajudar imensamente. No meio de toda essa pressão para namorar e "ir até o final", quanto mais os adolescentes souberem sobre sexo, melhor equipados estarão para fazer opções sérias e seguras.

### **Atitude social reivindicatória**

Nem todo o processo da adolescência depende do próprio adolescente, como uma unidade isolada num mundo que não existiria. Não há dúvidas de que a constelação familiar é a primeira expressão da sociedade que influi e determina grande parte da conduta dos adolescentes.

Seria, sem dúvida, uma grave supersimplificação do problema da adolescência atribuir todas as características do adolescente à sua mudança psicobiológica, como se realmente tudo isto não estivesse ocorrendo num âmbito social. As primeiras identificações são as que se fazem com as figuras parentais, mas não há dúvidas de que o meio em que vive determinará novas possibilidades de identificação, futuras aceitações de identificações parciais e incorporação de uma grande quantidade de pautas sócio-culturais e econômicas que não é possível minimizar. A posterior aceitação da identidade está forçosamente determinada por um condicionamento entre indivíduo e meio que é preciso reconhecer.

A adolescência é recebida predominantemente de maneira hostil pelo mundo dos adultos. Criam-se estereótipos, com os quais se tenta definir, caracterizar, assinalar, ainda que realmente, se procure isolar fobicamente os adolescentes do mundo dos adultos.

Nossa própria sociedade pode ser tão cruel como a menos civilizada das culturas arcaicas que conhecemos. É muito conhecida a rigidez de alguns pais e educadores, as formalidades que exigem da conduta de seus filhos e seus alunos adolescentes, as limitações brutais que costumam impor, a ocultação maliciosa que fazem do aparecimento da sexualidade, o tabu da menarca, as negações de tipo moralista que contribuem para reforçar as ansiedades paranóicas dos adolescentes.

A sociedade, mesmo manejada de diferentes maneiras e com diferentes critérios sócio-econômica, impõe restrições à vida do adolescentes. O adolescente, com a sua força, com a sua atividade, com a força reestruturadora da sua personalidade, tenta modificar a sociedade que, por outra parte, está vivendo constantemente modificações intensas. Quanto à vida social do adolescente, pode-se encontrar aí como nos outros campos uma fase inicial de interiorização e uma fase positiva. Durante a primeira, o adolescente parece, muitas vezes, completamente anti-social. Nada é mais falso, pois ele medita, tendo desprezo ou desinteresse pela sociedade real, condenando-a. Além disso, a sociabilidade do adolescente afirma-se muitas vezes desde o início, com o contato dos jovens entre si, sendo mesmo bastante instrutivo comparar estas sociedades de adolescentes com as das crianças. Estas tem por finalidade essencial o jogo coletivo ou, às vezes, o trabalho concreto em comum. As sociedades dos adolescentes, ao contrário, são, principalmente, sociedades de discussão: a dois, ou em pequenos cenáculos, o mundo é reconstruído em comum, sobretudo através de discursos sem fim que combatem o mundo real. As vezes, também há uma crítica mútua das soluções, havendo, no entanto, acordo sobre a necessidade absoluta das reformas. Depois, aparecem as sociedades mais amplas, os movimentos de juventude, nos quais se desdobram os ensaios de reorganização positivos e os grandes entusiasmos coletivos.

A verdadeira adaptação à sociedade vai-se fazer automaticamente, quando o adolescente de reformador transformar-se em realizador.

Tendo consciência da alteração, é possível dizer que se cria um mal-estar de caráter paranóide no mundo adulto, que se sente ameaçado pelos jovens que vão ocupar esse lugar e que, portanto, são reativamente deslocados. O adulto projeta no

jovem a sua própria incapacidade em controlar o que está acontecendo sócio-politicamente ao seu redor e tenta, então, deslocalizar o adolescente.

### **Contradições sucessivas e todas as manifestações da conduta**

A conduta do adolescente está dominada pela ação, que constitui o modo de expressão mais típico nestes momentos da vida, em que até o pensamento precisa tornar-se ação para poder ser controlado.

O adolescente não pode manter uma linha de conduta rígida, permanente e absoluta, ainda que muitas vezes o pretenda ou procure.

Knobel (1981) falou da personalidade do adolescente descrevendo-a como esponjosa. Logicamente é uma personalidade permeável, que recebe tudo e que também projeta enormemente, ou seja, é uma personalidade na qual os processos de projeção e introjeção são intensos, variáveis e freqüentes.

Isto faz com que não possa ter uma linha de conduta determinada, o que já indicaria uma alteração da personalidade do adolescente.

No adolescente, um indício de normalidade se observa na fragilidade da sua organização defensiva

É o mundo adulto quem não suporta as mudanças de conduta do adolescentes, quem não aceita que o adolescente possa ter identidades ocasionais, transitórias, circunstanciais, e exige dele uma idade adulta, que logicamente não tem por que ter. E isto ajuda a aumentar a separação progressiva que os adolescentes começam a ter de seus pais.

Uma das tarefas básicas concomitantes a identidade do adolescente é a de ir separando-se dos pais, o que será favorecido pelo determinismo que as mudanças biológicas impõem neste momento cronológico do indivíduo.

### **Constantes mudanças no humor e no estado de ânimo**

Um sentimento básico de ansiedade e depressão acompanhará permanentemente, como substrato, o adolescente.

No processo de flutuações dolorosas permanentes, a realidade nem sempre satisfaz as aspirações do indivíduo, ou seja, suas necessidades instintivas básicas, ou sua modalidade específica de relação objetal em seu próprio campo dinâmico. O ego realiza tentativas de conexão prazerosa – às vezes desprazerosas -, nirvânica com o mundo, que nem sempre se consegue, e a sensação de fracasso frente a esta busca de satisfação pode ser muito intensa e obrigar o indivíduo a se refugiar em si mesmo.

O adolescente se refugia em si mesmo e no mundo interno que se foi formando durante a sua infância, preparando-se para a ação e, elabora e reconsidera constantemente suas vivências e seus fracassos.

A intensidade e a freqüência dos processos de introjeção e projeção podem obrigar o adolescente a realizar rápidas modificações no seu estado de ânimo, já que se vê, de repente submerso nas desesperanças mais profundas ou, quando elabora e supera ao luto, pode projetar-se numa presunção que muitas vezes costuma ser desmedida.

Enquanto as mudanças físicas na adolescência podem, quase sempre, ser vistas, as alterações emocionais são complexas e não raro se apresentam como os grandes desafios para os pais. Emocionalmente os adolescentes são imprevisíveis. Em um dia estão psicologicamente estáveis e agem com maturidade. No seguinte, tornam-se de uma hora para outra mal humorados, chorosos, zangados e reagem de forma imatura. É preciso que educadores e pais estejam cientes de que os jovens são normalmente imprevisíveis e raramente conseguem “controlar” sentimentos e

emoções durante esse período turbulento. É compreensível, considerando-se as inúmeras mudanças físicas e hormonais que também afetam o estado de espírito.

Pais e educadores podem ajudar muito: basta que sejam pacientes e relevem alguns erros. Um jovem pode “explodir” pelo simples fato de achar que aquele dia está confuso demais para ser vivido. A melhor reação dos pais e educadores pode ser a ausência de reação. Nada.

Na pré-adolescência, os jovens têm de enfrentar dois sentimentos assustadores: sentimento de perda; sentimento de medo.

São sentimentos que se encontram no âmago de todo jovem, durante esse período tumultuado.

Alguns adolescentes experimentam o sentimento de perda. Até esse momento, com a mãe e o pai intimamente ligados a eles, nada podia sair errado, e como eram felizes aqueles dias... Agora, aos olhos terrivelmente críticos dos filhos, os pais foram “alijados”, analisados sob um forte foco de luz, e toda a verdade sai à mostra. Os pais não são perfeitos. Os professores também não. Essa revelação é um choque que, associado ao processo de separação, cria um profundo sentimento de tristeza em alguns adolescentes.

É compreensível, então, que o segundo mais profundo sentimento da maioria dos adolescentes seja o medo. E está tão camuflado que é difícil para os pais reconhecerem sua presença. Sigmund Freud afirmou que todo temor decorria do medo do desconhecido. Os adolescentes se dirigem para o desconhecido. Somos adultos, já fizemos a viagem, já passamos por terreno montanhoso. O medo dos jovens é perfeitamente normal; no entanto, nem sob forte coerção admitiriam tal sentimento. E tem mais, a maioria dos adolescentes não está nem mesmo consciente de estar experimentando *medo*, que dirá *perda*.

Quais as implicações disso tudo? Como os jovens demonstram tristeza e medo? Ficando *zangados* e de *mau humor*. Já reconheceu? O pior erro que os pais e educadores podem cometer é reagir ao que se passa na superfície: *a raiva*. É imperioso olhar mais além, nas razões do comportamento para ver o que realmente se passa. Os adolescentes não se transformam em monstros do dia para a noite. Garotas e rapazes estão simplesmente se debatendo com alguns dos mais sérios temas e dilemas que qualquer um de nós jamais encontrou. "Sou normal?" é uma pergunta assustadora para quem quer que seja, em qualquer idade. O desejo de ser aceito jamais nos deixou, independentemente da idade que se tenha.

### CAPÍTULO 3 – DESENVOLVIMENTO COGNITIVO NA ADOLESCÊNCIA.

Segundo Piaget (1991) o desenvolvimento mental <sup>termina</sup> por volta de onze anos ou doze anos ~~na adolescência~~, uma crise passageira, devida à puberdade, separa a infância da idade adulta. Evidentemente, a maturação do instinto sexual é marcada por desequilíbrios momentâneos, que dão um colorido afetivo muito característico a todo este último período da evolução psíquica. Mas, estes fatos bem conhecidos, estão longe de esgotar a análise da adolescência e além do mais desempenhariam apenas papel bem secundário, se o pensamento e a afetividade próprias do adolescente não lhes permitissem exagerar-lhe a importância. Na verdade, apesar das aparências, as conquistas próprias da adolescência asseguram ao pensamento e à afetividade um equilíbrio superior ao que existia na segunda infância. Os adolescentes têm seus poderes multiplicados, estes poderes, inicialmente, perturbam a afetividade e o pensamento, mas, depois, os fortalecem.

Piaget diz que comparado a uma criança, o adolescente é um indivíduo que constrói sistemas e teorias. A criança pensa concretamente sobre cada problema à medida que a realidade os propõe, e não liga suas soluções por meio de teorias gerais, das quais se destacaria o princípio. Ao contrário, o que surpreende no adolescente é o seu interesse por problemas inatuais. O que mais espanta, sobretudo, é sua facilidade de elaborar teorias abstratas. Existem alguns que escrevem, que criam uma filosofia, uma política, uma estética ou outra coisa. Outros não escrevem, mas falam. A maioria, porém, fala pouco de suas produções pessoais, limitando-se a ruminá-las de maneira íntima e secreta. Mas todos tem teorias e sistemas que transformam o mundo, em um ponto ou noutro.

Como já se sabe a adolescência abre a porta para um mundo novo, que traz consigo importantes e profundas mudanças, não apenas na própria imagem do

*efeito uma transformação fundamental marcada pelo término do pensamento concreto para o formal (sem dúvida)*



indivíduo e na maneira de interagir com seus iguais e com o resto das pessoas, mas se estende a novas formas de pensamento. Os adolescentes atingem um nível novo e superior de pensamento, que vai lhes permitir conceber os fenômenos de maneira diferente de como o faziam até então. Esse pensamento, caracterizado por uma maior autonomia e rigor em seu raciocínio, foi denominado, na tradição piagetiana, pensamento formal, e representa a fase do mesmo nome, a fase das operações formais.

Há mais de trinta anos, Inhelder e Piaget (1955) apresentaram uma das caracterizações mais precisas, e possivelmente a mais ambiciosa até essa data, do desenvolvimento cognitivo durante a adolescência. No trabalho, foram expostas as características da nova fase das operações formais, sobre a base das operações concretas já presentes. Essa nova fase, qualitativamente diferente da anterior, também ocupou uma posição central no estudo da inteligência adulta. Sua importância reside no fato de ser a fase final da seqüência do desenvolvimento cognitivo e oferecer um marco coerente para compreender a natureza dessa maturação cognitiva. Esta fase pode ser dividida em três estágios: a) A realidade é concebida como um subconjunto do possível. Quando apresentamos um problema ao adolescente, ele não leva em conta apenas os dados reais presentes, como além disso, prevê todas as situações e relações causas possíveis entre seus elementos. Estas relações, que serão analisadas de maneira lógica pelo sujeito desta fase, serão comparadas posteriormente com a realidade por meio da experimentação, diferentemente da fase anterior, agora é o real que está subordinado ao possível. O adolescente tem, agora, a capacidade potencial de conceber e elaborar todas ou quase todas as situações possíveis que poderiam coexistir com a situação dada, surgindo com uma maior precisão a proposição e a resolução de um determinado

*piagetiano*

problema. Os adolescentes serão capazes não só de relacionar cada causa isoladamente com o efeito, como também considerar todas as combinações possíveis, entre as diferentes causas que determinam tal efeito. Essa habilidade cognitiva é, para Piaget, a que melhor define a fase das operações formais;

b) O caráter hipotético-dedutivo. Tradicionalmente, considera-se que a adolescência seja o tempo no qual o jovem conquista um pensamento abstrato ou teórico. Não se esquecendo que, antes da adolescência, as crianças também são capazes de um certo pensamento abstrato. Porém, na adolescência, essas abstrações ou teorias assumem a forma de hipóteses. A capacidade de comprovação dos adolescentes não se reduz a uma ou duas hipóteses, mas eles podem levar a cabo várias delas simultânea ou sucessivamente. Diante de determinada situação, o adolescente não apenas opera sobre as possibilidades oferecidas pela formulação da hipótese que expliquem os fatos apresentados, como também, como resultado da aplicação de um raciocínio dedutivo, é capaz de comprovar sistematicamente o valor de cada uma das hipóteses que lhe ocorrem; c) O caráter proposicional.- Esta propriedade do pensamento formal apresenta estreita relação com as anteriores. Os sujeitos desta fase servem-se de proposições verbais como o meio ideal para expressarem suas hipóteses e raciocínios, assim como os resultados obtidos. O adolescente trabalha intelectualmente não apenas com objetos reais, mas com representações proposicionais dos objetos. De fato, o sujeito formal não precisa comprovar experimentalmente todas as ações possíveis, podendo substituí-las por conclusões de raciocínios expressas verbalmente. A linguagem é o veículo ideal para essas representações, passando a realizar um trabalho cada vez mais importante no pensamento formal.

## CONCLUSÃO

Vimos durante este trabalho que o adolescente se desenvolve na sua estrutura física <sup>e na</sup> ~~quanto em~~ sua capacidade intelectual. Para falar dessas mudanças decidimos priorizar tanto os aspectos de personalidade quanto os relacionados a capacidade do adolescente.

Na verdade a adolescência se caracteriza por uma fase do desenvolvimento que é bio-psico-social. Aberastury <sup>destaca</sup> fala que existe uma explosão de atitudes e emoções, mas que isto é normal da adolescência. <sup>Por</sup> ~~É~~ Piaget <sup>diz</sup> que existe um desenvolvimento qualitativo que levará ao pensamento formal.

Diante dos dilemas enfrentados por todos aqueles que se envolvem com o adolescente, justifica-se o cuidado com a forma e, sobretudo, com o conteúdo. O ator e paciente – adolescente – deve ser acompanhado sem a coisificação desta fase pela qual todos <sup>passam</sup> passam, mas que é ímpar para e em cada indivíduo.

O desafio, então, é aprofundar-se o assunto, na tentativa de envolver-se todos quantos, além do trabalho específico, buscam mais do que resposta para este ou aquele episódio, senão o total envolvimento, harmonizando ação, atores e conseqüências, tratadas, agora, como resultado efetivo da interação dos pensares que devem, pela diversidade, enriquecer o universo das soluções que redundarão no interesse coletivo, que começa no adolescente e em seu igual, com a culminância na ação plural, resultante do paradoxo residente na ação – resposta ao desconhecimento coletivo.

O desafio vai mais além. Perpassa a ação do próprio adolescente, tem a sua caixa de ressonância na própria fase – adolescência – procurando, em cada ação perpetrada, uma resposta que, por mais singular que possa parecer, resulte numa resposta efetiva à provocação do saber o que é, justificando-se o quem é o

adolescente, dentro e fora dele mesmo, vencendo o significado dos limites impostos ao indivíduo, como significativo do processo em si mesmo, uma experiência cuja experimentação está em cada ator, que está envolvido e envolvendo aos que se dedicam ao conhecimento episódico desta ação.

É flagrante, em cada fato novo, <sup>algo</sup> um novo inusitado aparece e, aí, explica-se a redundância das ações cometidas pelos adolescentes e pelos circunstantes atores, na tentativa de flagrar uma nova experiência ou poder dividir o sabor de uma nova, porém, mais sólida descoberta.

O arsenal propiciador deste conhecimento deve não só sanar a vontade de saber da família, não só à curiosidade da sociedade mas, prioritariamente, à sede de saber-se integrado na sociedade em que vive, aquele adolescente que, amanhã, poderá estar fazendo as mesmas propostas de seus pais, ou estar respondendo às expectativas adolescentes de seus filhos.

A perplexidade contemporânea é fruto da urgência que se tem em acompanhar os progressos da sociedade civilizada. A preocupação na demarcação do certo e errado; do pode ou não pode; do ter e do ser, estabelecem parâmetros, ditam paradigmas que podem, da mesma forma em que aparecem, ser superados ou modificados em sua estrutura modal. | ?

Por conseqüência, familiares e profissionais que lidam com este tema, atordoados, buscam orientação para que possam orientar.

O tema, por si só, é muito aberto, apesar de ser um – mono – mas requer um acompanhamento constante, para que a sua evolução seja entendida, absorvida e praticada por todos quantos, no interesse da harmonia social, se envolvem com a adolescência; a perseverança é tão certa e constante quanto a evolução das sociedades, cabe, então, muita atenção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCK, Ana Mercês Bahia et alü. **Psicologias - Uma Introdução ao Estudo de Psicologias**. 13ª Edição. São Paulo: Editora Saraiva, 1999

CARR – GREGG, Michael. **Criando adolescentes**. /Michael Carr – Gregg, Erin Shale; tradução Márcia Cláudia Alves. – São Paulo: Fundamento, 2003

COLL, César – **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. César Coll , Jesús Palacios e Alvaro Marchesi; tradução Francisco Franke Settineri e Marcos A.G. Domingues – Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. Volume I

**ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**. Lei 8.069, De 13 de julho de 1990.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3ª edição – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

Knobel, M. A síndrome da adolescência normal in ABERASTURY, A. **Adolescência Normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**; tradução da profª. Maria Alice M. D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva – 18ª edição – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

ZAGURY, Tania. **O adolescente por ele mesmo**. 9ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 1997.



UNI-RIO

Universidade do Rio de Janeiro

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA  
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II**

ALUNO(A) : Carla Leo de Araújo Loureiro - 19982351114

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : Adolescentes: Quem não  
eles?

ORIENTADOR : Prof.<sup>a</sup>. Dra. Dúrcia de Mello Souza Delhomem

**FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL**

\* Primeiro avaliador : Professor convidado

Professor: Eng.º Augusto Augusto Monteiro Correia

Nota : Seis (10)

**Considerações Finais:**

Muito bom o trabalho. Apresentação adequada  
& interessante

Sob o ponto de vista técnico, senti falta dos  
nomes dos autores utilizados para o desenvolvi-  
mento dos textos.

Considero o tema um premonível para o conhe-  
cimento do futuro professor portante, sugiro  
que a autora/ alunos após o término das avaliações  
revise os pontos destacados, corrija e  
entregue uma monografia para que possa  
ser utilizada como referência pelos seus pares.

Parabéns e felicidades.

Augusto

\* Segundo avaliador : Professor orientador

Professor : Mírcia de Mello Souza Schmann.

Nota: 10,0 ( Dez )

**Considerações Finais:**

Tema atual, desenvolvimento do trabalho e conteúdo condizente com o tema. A autora faz um resorte interessante abrangendo pontos clássicos da teoria - de desenvolvimento do adolescente e discutindo e abordando as questões do adolescente na contemporânea.

M. Schmann

\* Terceiro avaliador : Professor da disciplina Monografia II

Professor: Lúcia Martha C. da Costa Coelho.

Nota : 9,0

**Considerações Finais:**

O trabalho não apresenta uma visão objetiva  
de estudo. Também, está ausente a metodologia de análise.

**RESULTADO FINAL**

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
10,0	10,0	9,0	29,0	9,7

Rio de Janeiro, 20/04/2004  
MLL